

# O QUE O PARECER NOS DIZ: O PROJETO DO ARQUITETO NA PALAVRA DO JUIZ

## Uma reflexão sobre avaliação à luz dos concursos no Québec, Canadá<sup>1</sup>

MARQUES, Sonia

Profesora do departamento de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Arquiteta UFPE (1973), mestre em Sociologia (PIMES – Programa Integrado de Mestrado em Economia e Sociologia/UFPE, 1983), doutora em sociologia (E.H.E.S.S. Paris, 1996) - soniamarques@globo.com

### Resumo

Os concursos de arquitetura oferecem uma ocasião especial para a reflexão sobre a avaliação de projeto. Com efeito, nos concursos e mais especificamente nos concursos públicos, diferentemente das situações de ensino ou da encomenda privada, os projetos apresentados se colocam entre dois outros processos de produção discursiva. O primeiro processo diz respeito aos editais e regulamentos, peças predominantemente textuais, que se fazem, na maioria das vezes acompanhar por imagens (fotos do local, plantas dos lotes, etc).

Os projetos, por sua vez, também responderão ou interpretarão estes documentos, através de imagens e ou textos. Já o parecer final do júri será eminentemente discursivo textual. Bem ou mal, nesta avaliação há que se encontrar as palavras a serem ditas e escritas. O que se pode apreender e aprender com esta avaliação? É o que tentarei discutir, no presente texto, analisando pareceres de júri de concursos públicos de arquitetura no Québec, sob os seguintes aspectos:

1. as formas discursivas de qualificação (se genéricas e abstratas ou se concretamente aplicadas a um referente, seja este verbal ou ilustrado; se descritiva ou analítica, se adjetivada ou substantivada);
2. a natureza das propriedades qualificativas (se restrita a aspectos intrínsecos do objeto: formais, funcionais, tectônicas, etc. ou se resultante de uma "eficácia" social, de uma avaliação de desempenho);
3. as possíveis relações com teorias contemporâneas e as eventuais implicações na prática projetual (prescrições e proscricções).

Utilizando a base de dados gentilmente cedida pelo Laboratoire d'Étude de l'architecture Potentielle, L.e.a.p. da Universidade de Montréal, num primeiro momento, analisarei 9 relatórios de concursos públicos realizados no Québec. Este texto prepara um segundo momento da pesquisa quando os relatórios serão re-analisado à luz dos projetos aos quais eles se referem.

### Abstract

*Architectural competitions offer a special occasion for reflection about design evaluation. Indeed, in competitions and more specifically in public competitions, apart from teaching situations or private commissions, the design is located between two other processes of discursive production. The first process refers to the guidelines and regulations, predominantly textual pieces that are often accompanied by images (photos and plans of the site, etc).*

*The designs, nevertheless, will also respond or interpret these documents, through images and/or texts. However the final jury narrative will be eminently textual. For better or worse, competition judges have to find the words to be said and written. What can we learn from this evaluation? That is what I will try to discuss in this paper, analyzing jury's statements of architectural public competitions in Québec, under the following aspects:*

1. *the discursive forms of qualification (if generic and abstract or if concretely applied to a referential, be it verbal or imagistic; descriptive or analytic, adjective or substantive);*
2. *the nature of the qualifying properties (if restricted to intrinsic aspects of the object: form, function, tectonics, etc. or if resultant from a social "effectiveness", of an performance evaluation);*

<sup>1</sup> Para a realização do presente trabalho o apoio do Laboratoire d'Étude de l'architecture Potentielle, - L.e.a.p.- da Universidade de Montréal, foi decisivo, destacando-se em particular a generosa colaboração dos jovens pesquisadores Catherine Szacka, Lino Gomes e Izabel Amaral.

3. *the possible relationships with contemporary theories and the eventual implications in the design practice (prescriptions and proscriptions).*

*Using the database kindly made available by the Laboratoire d'Étude*

*de l'architecture Potentielle, L.e.a.p. at the University of Montréal, I will analyze 8 reports of public competitions recently occurred in Québec, Canada. This is the first part of a research that in a second moment, will re-analyze the 8 reports in its relationship with the referring designs.*

## Introdução

Era uma vez um tempo em que se dizia que arquitetura não se ensinava. O arquiteto nascia feito, recebia um dom divino. As escolas de arquitetura serviam apenas como palcos de exibição deste dom. Os professores tinham a tarefa de complementar o dom inato dos gênios, de burilar o diamante, de aperfeiçoar os talentos.<sup>2</sup> Neste tempo também se dizia que a linguagem do arquiteto era o desenho. O memorial justificativo – o texto que acompanhava o projeto – era apenas um documento, elaborado em linguagem alheia, um apêndice dispensável. Talvez este tempo tenha passado, talvez não. Mais recentemente, dizem alguns, que arquitetura não se ensina, mas se aprende. Não na escola, ao que parece. Na vida prática, no escritório, no canteiro. Fato é que o questionamento sobre a ‘ensinabilidade’ da arquitetura permanece<sup>3</sup>. Ele se revela, sobretudo, no ensino do projeto e tem como local privilegiado o atelier. Neste, o drama ‘ensino/aprendizado de arquitetura’ encontra seu momento mais intenso por ocasião da avaliação dos projetos dos estudantes<sup>4</sup>. A avaliação favorável, a boa nota, deve, em geral, premiar o bom projeto. Os critérios de julgamento associam-se, desta forma, – explícita ou implicitamente – ao inevitável problema de definição de qualidade de arquitetura. Entende-se, então, porque é mais difícil julgar em momentos de grande dissenso profissional sobre a questão. Por outro lado, o processo de julgamento coloca também em jogo a capacidade do professor para expressar-se, textual ou figurativamente. Cabe ao professor dizer ou mostrar em que e/ou onde o aluno errou ou acertou. Desta forma, o problema da avaliação do projeto associa-se, por um lado, à noção de qualidade em arquitetura e, por outro, à capacidade de expressão de quem o julga. Mais precisamente, não basta ter critérios e saber aplicá-los, é ainda preciso saber dizer como isto foi feito. O que parece ser difícil numa profissão que diz ter no desenho sua forma primordial de linguagem. Assim, seja pela ausência da noção de qualidade, seja pela dificuldade em explicar a sua operacionalidade como conceito analítico e/ou crítico, a dificuldade de avaliar projeto manifesta-se tanto na sala de aula, quanto na vida profissional, como evidenciam os concursos, públicos ou privados.

Considerando que os concursos de arquitetura oferecem uma ocasião especial para a reflexão sobre avaliação, no presente texto, esta questão será trabalhada em dois momentos. Num primeiro serão considerados os problemas de avaliação do ponto de vista da cultura arquitetônica. Em particular, tentarei refletir sobre como estes problemas se evidenciam no ensino e no atual contexto de dissenso quanto à qualidade do objeto arquitetônico. Num segundo momento, tomarei como estudo de caso, o processo de avaliação de oito concursos públicos de arquitetura no estado do Québec, no Canadá, utilizando, para isto, a base de dados gentilmente cedida pelo Laboratoire d'Étude de l'architecture Potentielle, L.e.a.p. da Universidade de Montréal.

A análise destes concursos cotejará os oito relatórios sob três aspectos: as formas discursivas de qualificação: a natureza das propriedades qualificativas, as possíveis relações com teorias contemporâneas e as eventuais implicações na prática projetual (prescrições e proscições). Esta análise é a primeira etapa de uma pesquisa que tentará, num próximo momento, cotejar relatórios e projetos, num processo de comparação da retórica textual com retórica textual e visual como sugere Tostrub (1999).

<sup>2</sup> Vejam-se os comentários sobre os escritos de Lucio Costa sobre o assunto em Marques, 1983.

<sup>3</sup> Como assinala Chupin (2003), valeria a pena perguntar o que fazem os professores das inúmeras escolas de arquitetura do planeta? No nosso caso, o que fazem, então, os professores de projeto das 180 escolas brasileiras?

<sup>4</sup> Porque se considera que o futuro bom arquiteto é o que tem um bom desempenho nestas disciplinas que são a essência do curso, as demais são co-adjuvantes.

## 1. Cultura arquitetônica e Avaliação de projeto

### 1.1 Avaliação em situação pedagógica: o atelier de projeto, comparação e rejeição.

A avaliação talvez seja o item mais discutido por todos os que se interessam pela prática pedagógica, desde o ensino maternal aos estudos mais tardios, talvez porque ela remeta aos aspectos mais polêmicos da educação: desigualdades pré-existentes que o processo de avaliação apenas ratificaria, a questão da instância do ensino como local de reprodução social, ou seja, temas tradicionais da sociologia<sup>5</sup>. De uma maneira geral, o bom desempenho do aluno nas universidades, nos dias que correm, está associado a um capital cultural pregresso ou background familiar, que pode ser maximizado ou não por questões individuais, como a maturidade emocional e habilidade(s) como inteligência, obstinação e dedicação do aluno<sup>6</sup>. Na ausência de capital cultural, de uma maneira geral, no meio universitário e no caso brasileiro, o aluno desfavorecido sabe quais recursos tem que mobilizar 'para correr atrás do prejuízo' ou o que fazer para superar uma avaliação desfavorável. Ele estudará mais, se desdobrará mais, etc<sup>7</sup>.

Estes recursos não somente não são evidentes no caso dos estudantes de arquitetura, como a sua utilização pode ser totalmente inútil. Ou seja, não adianta estudar mais nem se dedicar mais porque nada garante uma boa avaliação em projeto, disciplina que é o cerne do curso de arquitetura<sup>8</sup>. A prática pedagógica mais corrente ou método *Being John Malkovich*<sup>9</sup>, como foi recentemente classificada, implica em que, para ser bem avaliado, o aluno teria que conseguir «entrar na cabeça do professor» ou conseguir de algum modo o projeto que está lá dentro, como no filme. Nesta postura, ao dar um tema de projeto, os professores têm em mente ou desenvolvem paulatinamente o projeto ideal. Na ausência de critérios, este projeto imaginado será o referente de comparação no julgamento dos trabalhos dos alunos.

### 1.2 Avaliação e comparação : os rejeitados do projeto

O problema não está na comparação. Pois, na verdade, quer se queira ou não, de uma maneira geral, as situações de avaliação implicam numa análise comparativa. No caso da situação pedagógica, o dilema sempre se coloca em termos do que seja o operador da comparação: deve-se comparar o produto ou o processo? Ou, dizendo de outra forma, compara-se o produto de maneira horizontal – o projeto do estudante com os dos demais colegas? Ou a comparação deve ser feita de maneira vertical, ou seja, avalia-se o projeto do aluno como um desenvolvimento, observando-se desde o seu ponto de partida, passando pelos demais rascunhos, até o produto final? Estamos aí, de fato, frente a duas maneiras de encarar tanto o processo pedagógico, quanto o projeto como materialização concreta de conhecimento. De uma maneira geral, o projeto na situação pedagógica é quase sempre julgado como produto, sobretudo no Trabalho Final de Graduação, em que pese os pedidos de muitos professores para que os estudantes apresentem todas as soluções com as quais trabalharam, mesmo as que deixaram de lado, explicando, inclusive as escolhas. De qualquer forma, em ambos os casos, julgado como produto ou como processo, o projeto submete-se a uma comparação onde critérios, conscientes ou inconscientes, explícitos ou implícitos, são mobilizados. O critério de referência pode ser a imagem do projeto ideal na mente do avaliador, na pedagogia que acima chamamos do “estilo Being Malkovich”. Pode também ser mais difuso, quando os avaliadores procuram ver nos projetos, as tendências arquitetônicas que consideram legítimas.

<sup>5</sup> Desde os estudos de Bourdieu e Passeron e a polêmica com Raymond Boudon. As desigualdades preexistentes podem ser de natureza diversa, não apenas de renda, do capital material, mas, e, sobretudo o capital cultural como dizia Bourdieu. Uma revisão boa deste debate pode ser encontrada no estudo de Alain Léger, disponível on-line.

<sup>6</sup> Onde o grande sucesso editorial do Livro sobre inteligência emocional de Coleman.

<sup>7</sup> Por exemplo, o aluno que vem de um meio desfavorecido e que quer cursar um curso de informática numa boa universidade, sabe que no vestibular terá dificuldade geralmente com línguas em relação a alunos oriundos de meios mais favorecidos socialmente, os quais pelas oportunidades vividas, como cursos de língua, intercâmbio e viagem, tem melhor performance lingüística e tirarão melhores notas em inglês e português.

<sup>8</sup> O ensino de arquitetura afastou-se da tradição das Belas Artes e, portanto da legitimidade da relação mestre aprendiz e do mimetismo, reforçando o mito do talento demiúrgico do arquiteto, iniciado na Renascença (cf. Marques, 1983) No projeto, disciplina em crise (Comas, 1987)este mito rejuvenesceu.

<sup>9</sup> Devo a excelente expressão ao arquiteto Jairson Carmo, quando aluno de mestrado do PPGAU/UFRN

O problema, como dissemos acima, não se encontra na inescapável comparação. Esta é sempre parte do processo de avaliação e, portanto, do aprendizado. Tampouco o problema reside no inevitável sistema de valor intrínseco à avaliação, sobretudo na esfera artística. Critérios são operadores das expectativas do processo de aprendizado, e, ainda que estas expectativas representem um ponto de vista de um dos avaliadores, uma vez pré-definidas, através de critérios subjetivos, porém claramente explicados, poderiam servir de guia de conduta. O problema reside na não explicitação do sistema de valores: a regra do jogo. Acusados de arbitrariedade, subjetividade, incoerência, os julgamentos evidenciam sobretudo a inutilidade do processo de avaliação como prática pedagógica. Os alunos em geral ignoram as razões dos resultados obtidos na avaliação: se favorável, o estudante não está seguro de continuar a obter êxito; se desfavorável, a avaliação recebida não forneceu subsídios para uma melhoria efetiva da prática projetual.

Na situação pedagógica, as deficiências apresentadas no projeto são, na maioria das vezes, atribuídas a – e vividas como – deficiências do indivíduo que projetou. Não é o projeto que é ruim : é o aluno que é ruim e que não sabe, nem nunca saberá fazer projetoras<sup>10</sup>. A avaliação torna-se, assim, mais do que uma avaliação do produto ou do processo, uma avaliação da pessoa, momento de consagração ou de desgraça : veredictos.

### 1.3 A dificuldade de critérios, o falso consenso da tríade vitruviana

Muitos acreditam que, em projeto, os critérios deveriam advir de uma teoria da arquitetura, uma vez que esta teria por problema central a determinação de princípios abstratos subjacentes à forma construída. “Acredita-se que, uma vez descobertos, estes princípios permitiriam que os arquitetos projetassem boa arquitetura”(Stevens, 2003:23).

Mas o que é uma boa arquitetura?

Na verdade, os arquitetos citando *ad nauseam* a tríade vitruviana, – *venustas, firmitas e utilitas* – escondem mal, nos dias que correm, o total dissenso sobre o que acreditam ser realmente a qualidade de arquitetura que esta tríade implica. Como revelam recentes antologias, como as de Michel Hays e de Kate Nesbitt, nos temas de escolha dos escritos teóricos, um ou outro termo da tríade, foi enfatizado, nas diversas tentativas de superar a crise pós-modernista. Assim, mais *venustas*, foi, a uma certa altura a saída norte-americana, ainda que muito criticada pelos estudiosos, em contextos bastante diversos. Por outro lado, a ênfase na *firmitas* tanto pode relacionar-se com uma tentativa de conferir cientificidade ao campo arquitetônico, como a busca de uma epistemologia arquitetural como pode ser um entendimento estreito do conceito de tectônica, como princípio estético que prossiga na esteira do modernismo estruturalista e brutalista. Para Stevens (2003) *venustas* seria incompatível com a *utilitas* na perspectiva dos arquitetos, como evidenciam as histórias da arquitetura que são um ciclo de teorias formalistas e também o fato do projeto de edifícios monumentais ser o campo preferido dos arquitetos como afirmou Robert Gutman (1992).

Numa atitude completamente oposta, os estudiosos e pesquisadores, por sua vez, têm cada vez aclamado menos a inovação como critério de qualidade, muito comum nos tempos pioneiros do modernismo, bem como a gratuidade formal, em prol de uma ótica que privilegia o programa como a grande fonte de inovação e um equilíbrio de forças entre forma e função. O mesmo pode ser dito para o interesse pela história, pelo lugar, para a adoção do entorno como medida de qualidade, diferentemente do contextualismo pós-moderno (Mahfuz, 2003:67). De qualquer modo, as reivindicações de mais *utilitas*, também podem incorporar propostas diversas. Elas podem indicar que a inovação vem da função, atualizando o princípio modernista forma/função para escapar ao formalismo gratuito, como sugere Mahfuz (2003). Elas podem sugerir igualmente uma maior afirmação da função social do arquiteto. Nesta linha, a qualidade é dada, sobretudo pelo usuário,

<sup>10</sup> Os «rejeitados do projeto» não existem apenas nos cursos de arquitetura, uma vez que o projeto existe também em outras áreas, como nos ensina Boutinet. Alega-se frequentemente que no caso do projeto arquitetônico a dificuldade assemelha-se àquela de todo o processo avaliativo da esfera artística, mas tendo a acreditar, que a pedagogia na área da literatura, da dança ou de canto, por exemplo, mesmo admitindo o talento, trabalhe com critérios mais claros do que em arquitetura.

embora tampouco haja consenso sobre a questão, uma vez que o “participacionismo” dos anos sessenta enraizou-se de maneira diferente nos diversos países, associando-se, nos Estados Unidos, com o populismo venturiano, por exemplo (Larson,1993). Um outro critério de qualidade muito em voga no meio acadêmico brasileiro remete à questão ambiental. Porém, o privilégio ao meio ambiente parece ser, muitas vezes, ser contraditório com a busca da *venustas*, como se o que fosse politicamente correto tivesse que ser obrigatoriamente feio. Por sua vez, a cultura do projeto e a noção de *Haute Qualité Environmentale* – HQE – que, recentemente, atribui uma responsabilidade à qualidade arquitetônica no “*cadre de vie*”, que é essencial na França, está completamente ausente do universo dos arquitetos brasileiros (Champy,1998).

#### 1.4 O projeto menosprezado : os desenhos de concurso

Divergindo no que sejam critérios de qualidade, a cultura arquitetônica atual, em compensação e, por paradoxal que pareça, aparenta convergir na postura que revela um profundo menosprezo pelo projeto. O projeto – este produto máximo de evidência do conhecimento do arquiteto – é, na verdade, para a maioria dos profissionais, apenas um meio, uma representação que dará lugar à obra, esta sim, importante. Os arquitetos atribuem, em geral, mais valor à obra como produtora de informação do que ao processo que a antecipou. Nesse raciocínio, vale lembrar a posição de Leupen (1999:18) quando, mesmo reconhecendo o valor da informação armazenada nos diversos tipos de desenho, acredita que o próprio processo de projeto seria melhor examinado pela análise da obra resultante. A posição de Stevens (2003) vai num sentido praticamente oposto quando diz que “as imagens freqüentemente são mais importantes que as experiências” e lembra que o capital por excelência no campo da arquitetura sempre foi associado ao projeto de edifícios. Stevens reporta-se mais propriamente a imagens de edifícios, lembrando que algumas das obras mais importantes de arquitetos nunca foram construídas, como vários desenhos de Frank Lloyd Wright, de Le Corbusier, dos deconstrutivistas ou de Boullée. Não apenas reporta-se à arquitetura do papel, mas faz o seu elogio, sobretudo quanto aos desenhos de concurso que, segundo ele, são praticamente os únicos produtos sobre os quais o arquiteto tem total controle (Stevens, 2003:116).

Entretanto esta não é a opinião de grande parte dos profissionais participantes de concurso, no Brasil, a julgar pelo debate recentemente aberto pelo portal Vitruvius. Na origem deste debate encontra-se um artigo de autoria de um arquiteto vencedor de um concurso de 10.000m<sup>2</sup>. Baseado na longa e boa experiência da França, - onde todos os concursos são remunerados, e toda obra pública têm que ter concurso - o artigo oferecia sugestões para o Brasil, seguindo preocupações tanto com a inserção da nova geração quanto com a exequibilidade. Mas, ao recomendar uma progressão de escala de projeto, sob a alegação de que «fazer um projeto executivo de 30.000m<sup>2</sup> quando se acabou de sair da faculdade é um grande risco», Corbucci findou por atingir recém-formados, que retrucaram lembrando «que os jovens arquitetos têm o importante papel de instigar a discussão da arquitetura, buscar novos caminhos e novas soluções» e que, nesta ótica, Niemeyer não teria podido realizar Pampulha. No conjunto, o oportuno debate revela uma preocupação legítima com os aspectos organizacionais do concurso, com as garantias de cumprimento dos contratos gerados, com as irregularidades, transgressão das regras competência do júri, transparência do processo. Os arquitetos e, sobretudo os jovens reconhecem as oportunidades diferenciadas que os concursos oferecem em relação ao mercado de trabalho.

Mas, na ambição pela obra construída, os participantes do debate abominam «a utopia dos concursos» quando os projetos vencedores «sequer são construídos ». Com isto esquecem que o projeto é a concretização do trabalho intelectual do arquiteto e não só é autônomo, como pode sobreviver à obra que vier a originar. Uma vez que esta, eventualmente, poderá vir a ser demolida.

## 2. Os concursos como ocasiões privilegiadas para a apreciação da orientação dos valores culturais

### 2.1 o valor dos projetos de concurso

O valor da arquitetura de papel vem, no entanto, sendo crescentemente reconhecido, pelos próprios profissionais e, sobretudo pelos estudiosos, que enfatizam o poder do projeto como fonte de conhecimento. Norberg Schultz, por exemplo, lembrando que Le Corbusier dissera, certa vez, que a História havia sido sua única professora, comenta que uma História só é completa se levar em conta o que não foi construído, acrescentando:

*Many unbuilt projects were designed as entries to architectural competitions. Since it is only the first prize that is ever realised, the second and third prize-winners are hardly even remembered, and that is not to speak of the 'lesser' entries. Original competition projects ought, therefore, to be included in our historical surveys.<sup>11</sup>*

Felizmente, o portal Vitruvius compartilha esta postura ao adotar uma política editorial de sempre publicar, além do ganhador, todos os projetos premiados. Dessa forma, como coloca seu editor, Abílio Guerra, «hoje o acervo disponível é um panorama muito significativo da participação, nos últimos anos, dos arquitetos brasileiros em concurso». Este acervo é fonte preciosa para todos os estudiosos e pesquisadores, mesmo quando o concurso indicar grandes restrições, uma vez que, como bem salientou uma pesquisadora norte-americana :

*In today competition system , in which is open or invited competitions conform to professional expectations of equity and correct procedure, clients who sponsor competitions do so at some cost and, when they give over the responsibility for choice to a jury of experts, at some risk. Like competitors, they accept the basic premise of the contest, that the rewards to be accrued from the design of a possibly exceptional building make both the costs and the uncertainty worthwhile. There have been numerous competition where the stated objective has been the least costly design – a superior inferiority, as it were. Yet, it can be argued that even those competitions that are essentially bidding processes contain within them the desire for the aesthetically and symbolically design (Lipstadt, 1989:13)*

Segundo Lipstadt, acredito que, independentemente de restrições orçamentárias os concursos são ocasiões especiais para teste de idéias, para compreender os valores vigentes na cultura arquitetônica e o material que é, nestas ocasiões, produzido constitui um acervo relevante para o aprendizado da arquitetura. Mais especificamente, os concursos são palcos únicos de observação para um estudo sobre avaliação de projeto.

### 2.2 Conceito, discurso e projeto.

Com efeito, nos concursos - e mais especificamente nos concursos públicos de projeto - diferentemente das situações de ensino ou da encomenda privada, os projetos apresentados, que são produtos textuais e figurativos, se colocam entre dois outros processos de produção discursiva. O primeiro processo diz respeito aos editais e regulamentos, peças predominantemente textuais, que se fazem, na maioria das vezes, acompanhar por imagens (fotos do local, plantas dos lotes, etc).

Os projetos, por sua vez, também responderão ou interpretarão estes documentos, através de imagens e ou textos. Já o parecer final do júri será eminentemente discursivo, textual. Bem ou mal, nesta avaliação há que se encontrar as palavras a serem ditas e escritas.

A importância dada ao discurso do júri é reconhecida por muitos dos arquitetos envolvidos no debate acima quando pedem que:

*«Quando se escolhem trabalhos que devem ser desenvolvidos na segunda fase, o júri obrigatoriamente publicará críticas individuais aos candidatos, divulgadas a todos os concorrentes».*

Entender esta reivindicação como uma peça chave de negociação em caso de transgressão parece-nos fácil. Porém, como entender que os arquitetos reivindiquem, por exemplo, «a

<sup>11</sup> Prefácio em Tostrup, op.cit.

obrigatoriedade de apresentação oral dos projetos na segunda fase». Por que o projeto não seria auto-suficiente? O que acrescentaria a apresentação oral?

Considerando certas composições do júri, onde a presença do público leigo é significativa, uma explicação possível poderia ser encontrada numa das tirinhas do cartunista belga, onde o personagem principal, o arquiteto Archibald, afirma que como o público leigo não entende mesmo de arquitetura há que haver um texto escrito na «linguagem do leigo»<sup>12</sup> para explicar o projeto. Nas suas inúmeras entrevistas Niemeyer evidencia o quanto partilha este mesmo sentimento, demonstrando um certo cansaço de ter que explicar arquitetura a quem não entende.

No entanto, diferentemente de cumprir a função de cartilha, o discurso textual parece haver encontrado um certo fascínio na cultura arquitetônica, desde que a idéia de conceito entrou na moda, ou seja, desde o fim dos anos setenta, assumindo um ponto nodal na atividade do projeto. Para Girard, a necessidade de conceituar efetuou uma mudança no conteúdo do discurso arquitetural bem como na sua função. Houve, segundo este autor, uma reativação do império das palavras, mas isto não significa que a arquitetura adote os discursos da sociologia, da psicanálise ou da psicanálise.

*“La discursivité n’est plus désormais explicative a posteriori du travail et de l’objet architecturaux, mais elle soutient de part en part la projétation”* (Girard, 1987:10).

É o que reforça o argumento de Tostrup (1999), cujo interesse pelos concursos, baseia-se na afirmação de que são processos retóricos, envolvendo diversos atores e que os projetos são acompanhados por textos «retóricos» que constituem uma chave particularmente interessante para chegar-se ao raciocínio oculto no projeto.

Nessa linha de raciocínio, as estruturas discursivas também são fornecedoras do conhecimento investido no processo de projeto. Onde o interesse em estudar os projetos como a expressão de um desejo e um desígnio de qualidade arquitetônica, levando em conta tanto a sua informação gráfica (desenho) quanto as eventuais informações discursivas (palavras).

### 3. Os Concursos no Québec

Os documentos de um concurso de projetos, como se sabe, são de ordem descritiva e avaliadora. Privilegiando a questão da avaliação e visando trabalhar com textos tanto com desenhos, decidi analisar a avaliação de concursos recentemente realizados no Québec, Canadá, sobretudo daqueles que dispusessem do relatório do júri, material que me foi gentilmente cedido para este estudo pelo L.e.a.p. As observações das avaliações serão forçosamente limitadas, na medida em que desconheço dois elementos essenciais num processo retórico: a audiência e o contexto. De fato, não foi possível, no tempo que tive para elaborar este texto, que é uma etapa inicial da pesquisa, saber exatamente, a quem o júri se dirigia, e em quem palco atuava em cada ocasião: as diversas forças em jogo, a relação de força do cliente, o prestígio das equipes participantes. Consciente destas limitações, optei por privilegiar a avaliação do júri, peça mais textual do processo e, num primeiro momento, restringir-me a este documento, sem cotejá-los com os projetos aos quais se referem, uma vez que meu objetivo essencial é verificar a autonomia e compreensibilidade desta peça retórica. Ou seja, lendo apenas o parecer, é possível compreender, mesmo sem ver, porque um projeto foi vencedor?

Tentando refletir sobre esta pergunta os relatórios dos oito concursos foram examinados sob os três seguintes aspectos:

1. as formas discursivas de qualificação (se genéricas e abstratas ou se concretamente aplicadas a um referente, seja este verbal ou ilustrado; se descritiva ou analítica, se adjetivada ou substantivada);
2. a natureza das propriedades qualificativas (se restrita a aspectos intrínsecos do objeto: formais, funcionais, tectônicas, etc. ou se resultante de uma "eficácia" social, de uma avaliação de desempenho);

<sup>12</sup> As tirinhas do Archibald estão sendo publicadas na arcoweb.

3. as possíveis relações com teorias contemporâneas e as eventuais implicações na prática projetual (prescrições e proscricções).

Numa próxima etapa da pesquisa, os relatórios deverão ser re-analisados à luz dos projetos num processo de comparação da retórica textual com retórica textual e visual como sugere Tostrub (1999).

### Os concursos

O quadro abaixo resume algumas informações sobre os concursos que foram avaliados neste trabalho:

Concurso	Área m2	Acesso	Cidade	Equipes concorrentes	Etapa s
Jardim de Métis	680	Etapa 1 aberta Etapa 2 fechada.	Grand Métis	3	2
Museu do Fjord	1493	idem	La Baie	3	2
Museu da Gaspésie	2242	idem	Gaspé		2
Escola Nacional do Circo	8206	idem	Montreal	6	2
Centro de recepção e de interpretação	1605	Idem, etapa 2 com remuneração	Québec	5	2
Teatro da Bordée	?	Convite equipes	Québec	4	1
Edifício 1921, fábrica de Polpa - Chicoutimi.	1940	Convite equipes	Chicoutimi	4	1
Centro Cultural de Matane	1550	Aberto para esboços	Matane	4	1

### As avaliações

JARDIM DO METIS

ATELIER IN SITU ET VLAN PAYSAGE (vencedor)

Aspectos Positivos	Aspectos Negativos
<p>Projeto engenhoso e persuasivo contemporâneo forte, qualificação espacial pelo sentido. Idéias muito sensíveis que inventam uma noção de tempo que leva a um <b>conceito forte de parque-paisagem</b>, muito pertinente.</p> <p>De grande maturidade, propõe discurso sobre os tempos da contemplação; da paisagem ao jardim e acentua a experiência kinestésica do visitante.</p> <p>Conceito resulta de uma intervenção disciplinada, limitada nos gestos formais ao essencial, aos poucos elementos de sustentação significativos que contribuem a estruturar o sítio; permite construir uma relação fina e estabelecer uma hierarquia sutil entre as zonas do bosque e a dos jardins.</p> <p>Conhecimento criterioso da história local e universal dos jardins: valorização do riacho, espinha dorsal do jardim histórico.</p> <p>Profundo trabalho da identidade dos lugares</p> <p>Audácia das escolhas e respeito de preservação</p>	<p>Exeqüibilidade de certos aspectos (local da entrada, soluções tecnológicas, tela de projeção).</p>

## RAM - RESSOURCES EN AMÉNAGEMENT

Aspectos Positivos	Aspectos Negativos
Soluções pertinentes para algumas problemáticas particulares	<p><b>Conceito: falta clareza e coerência</b></p> <p>Conjunto de elementos e amostragem de idéias</p> <p>Invasão do território - por intrusão de elementos contextuais - difícil de discernir gestos verdadeiramente essenciais; a apresentação gráfica acentua elementos secundários.</p> <p>Definição e apresentação de certos dispositivos ambíguas. (ex: eixo do antigo caminho apresentado ora como barreira, ora como filtro).</p>

## SCHEME ARCHITECTURE ET AMÉNAGEMENT

Aspectos Positivos	Aspectos Negativos
<p>Análise pertinente da situação</p> <p>Resposta concreta a alguns problemas (não diz quais) do programa</p> <p>Abordagem-cliente muito desenvolvida</p>	<p>Falta de coerência e clareza das idéias, soluções pontuais, reforçada pela apresentação gráfica que parece colagem.</p> <p>Difícil percepção de uma diretriz, sobretudo na ligação entre as diferentes zonas.</p> <p><b>Conceito «arte de viver»:</b> visão passadista privilegia o prolongamento do tempo e não visa o futuro, projeto funcionalista onde o sentido e o fio narrativo emanam mais da animação do que da estruturação do espaço.</p> <p>Proposta literal demais</p> <p>Inspiração gráfica e <b>não conceitual</b></p>

O resultado deste concurso baseou-se explicitamente no critério do conceito, como o júri assume claramente e de acordo com o que havia sido solicitado. O júri assumiu: ele preferiu um conceito contemporâneo a um passadista. Mas, o «conceito do conceito» não fica muito claro. Há duas idéias em jogo: o jardim «arte de viver» e o «parque paisagem». Mas são estes realmente «conceitos»? Muitas vezes parece que o sentido de conceito é o do senso comum, confundindo com idéia. Como não analisamos o projeto, fica difícil verificar se o júri apreendeu os conceitos ou idéias a partir das peças textuais ou figurativas fornecidas. No entanto, o júri faz referência às formas de apresentação e a associa estas formas aos conceitos das propostas. Assim, a proposta julgada passadista é considerada gráfica e não espacial, além de confusa. A processo retórico do concurso é assumido pelo júri, ao utilizar o adjetivo persuasivo, ele admite: o projeto convence. Por sua vez, o júri também parece estar consciente do papel que desempenha no convencimento de uma audiência de sua escolha. Assim, os adjetivos abundam na qualificação da proposta vencedora: a maturidade é grande, o projeto é engenhoso, persuasivo, contemporâneo, forte; as idéias são sensíveis, o conceito é pertinente, a intervenção disciplinada, o conhecimento criterioso, significativos, a relação é fina, a hierarquia sutil.

As relações com teorias contemporâneas ainda que não bem explicitadas são evocadas como critério e quando o júri aprecia o equilíbrio entre audácia no inovar e respeito no preservar refere-se a soluções espaciais concretas. Privilegiando conceito ou idéias associadas a soluções espaciais, ao passeio e à função deste passeio, o júri demonstra o valor da "eficácia" social, por um lado, mas também dos meios que são utilizados no caso, o que nem sempre estão associados. Finalmente, ao apontar os pontos negativos da proposta vencedora, o júri indica exatamente o que deve ser revisto, não se referem mais a conceitos, mas à exeqüibilidade.

## FÁBRICA DE POLPA DE CHICOUTIMI – Comentários do júri

equipes	Aspectos positivos	Aspectos Negativos
Grupo DPa	<u>respeito patrimonial</u> que se vê na volumetria leve qualidade de integração consistência do gesto	Não responde à encomenda programática ; funções são hipotéticas e imprecisas ultrapassa orçamento previsto
Consortium Beauchesne	nenhum	<u>Falta de respeito</u> e de humildade patrimonial pela inserção da função de museu Recriação artificial de uma linguagem formal existente no lugar que se casa de maneira duvidosa com o edifício existente Inserção de sala de forma elíptica, gesto inapropriado porque exige derrubar mezaninos. Espelhos d'água, conceito simbólico que não contempla a realidade orçamentária.
Côte Thibault	a força do partido, inspiração, clareza e energia que transmite ao lugar <u>respeito</u> e valorização da profundidade da nave, com a introdução de uma circulação central	Resposta não adequada ao programa : salas de exposição inadequadas do ponto de vista da área e da configuração e da posição, prejuízo da área de exposição Complicação sistema climatização Problemas funcionais só se resolveriam mudando o conceito total
Coté, Gallienne, Moisan, Fortin ( vencedor)	Clareza e honestidade do conceito Distribuição dos grupos funcionais, a simplicidade das circulações <u>O respeito</u> e valorização dos diversos componentes do edifício existente Colocação do novo edifício recuado em relação ao existente Funcionamento das salas de exposição Mais fiel ao programa e aos limites orçamentários	Proposta de construção de um novo mezanino modificaria volumetria da nave

Menos adjetivado do que o parecer do júri do jardim de Metis, este parecer também trabalha com «o conceito de conceito», aqui de maneira ainda mais imprecisa: advoga, na verdade, o respeito patrimonial. O projeto vencedor respeitou e os demais ou desrespeitaram ou apresentaram outros problemas de ordem funcional ou orçamentária. Neste caso, é evidente o reforço dos aspectos negativos da proposta do grupo Thibault, pois ao lermos os aspectos positivos, o parecer nos leva quase a julgar que esta seria uma melhor proposta. A recomendação de modificação da proposta vencedora, como de hábito sai da esfera conceitual, fluida e se atem a aspectos bastante precisos, desaconselhando a construção de um novo mezanino.

**CONCURSO DE ARQUITETURA THÉÂTRE DE LA BORDÉE – Comentários do júri**

PLANTE GALLIENNE, MOISAN ( vencedor)	
<b>Aspectos Positivos</b>	<b>Aspectos Negativos</b>
<b>Pertinência identitária da proposição</b> , utilização da alvenaria como instrumento de integração, respeito pela trama urbana pelo tratamento da fachada da rua Saint Joseph, integração da fachada existente do antigo cinema, certos elementos de sinalização considerados eficazes para afirmação da presença do teatro no bairro ligações funcionais entre os diversos espaços cênicos.	Desrespeito orçamentário, deve reduzir a superfície total. Reservas quanto ao tipo de integração proposta considerada «fachadista», aspas do júri. Reservas quanto a distribuição das funções de recepção

GRUPO SAUCIER+ PERROTTE+ BÉLANGER	
<b>Aspectos Positivos :</b>	<b>Aspectos Negativos</b>
Força, originalidade, sensibilidade do conceito utilização do vocabulário justo, qualidade dos espaços internos. Força do diálogo entre o novo projeto e a fachada vizinha Funções adequadamente colocadas atrás da fachada conservada, reforçando pertinência conservar vestígios.	Tratamento arquitetônico em relação a <b>identidade</b> , Lacunas funcionais em relação às exigências cenográficas, Orçamento proposto «deixou o júri perplexo» (sic !)

GRUPO CROFT PELLETIER	
<b>Aspectos Positivos</b>	<b>Aspectos Negativos :</b>
Qualidade da apresentação, repartição clara dos blocos de função. Relação direta sala de espetáculo e o da rua	<b>Proposta identitária não convincente</b> Tratamento proposto para inserção da fachada do antigo cinema considerado duvidoso (imagem de ruína) Material proposto para parte do revestimento externo «deixou o júri perplexo» (no bom ou no mau sentido ?) pela sua qualidade visual, sua durabilidade e a pertinência de sua justaposição.

GRUPO GAGNÉ/STLOUIS/ABCP	
<b>Aspectos Positivos</b>	<b>Aspectos Negativos</b>
Clareza organizacional e eficácia funcional dos espaços cênicos.	Partido julgado incompatível com a identidade atual do teatro Coabitação dos volumes propostos com edifício vizinhos Ruptura do ritmo da trama urbana da rua St Joseph Coabitação dos materiais propostos com os dos edifícios existentes

Aqui o júri buscou a questão da identidade, que é retomada em vários comentários. Quando diz que admira a sensibilidade do conceito de um dos grupos, não fica clara a relação entre identidade (razão do veredicto) e conceito. Além disto, como aqui só analisamos os textos do

parecer também não sabemos se este conceito – considerado sensível - foi apresentado pelo grupo proponente em forma textual, escrita ou oral e se houve elementos dos desenhos, documentos figurativos que expressariam este conceito. O mesmo comentário seria válido para os «certos elementos de sinalização » que, não identificados no parecer, contribuíram, no entanto, aos olhos do júri, para assegurar a força identitária da proposta vencedora. Valeria comentar a desconsideração da proposta «fachadista» (aspas do júri), ao mesmo tempo em que o júri reconhece que os meios da afirmação identitária da proposta vencedora são, além do respeito à trama urbana, elementos de sinalização e o material empregado. Neste sentido, parece aproximar-se de um mesmo critério valorativo utilizado no Jardim de Metis, onde o júri condenava a proposta gráfica. Embora meios gráficos e fachadismo não sejam a mesma coisa, pode-se notar, nos dois casos, uma busca de valores mais tectônicos que apenas visuais.

### MUSEU DA GASPÈSIE (FASE 2 – ESCOLHA do Vencedor) – Comentários do júri

GRUPO CROFT, BRIERE PELLETIER (vencedor)
<b>Aspectos Positivos</b>
<p><u>O partido arquitetônico</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Adequação e qualidade da implantação no sitio,</li> <li>• Racionalidade do planejamento dos componentes do Museu,</li> <li>• Pertinência do partido construtivo, realismo quanto a exequibilidade,</li> <li>• Sensibilidade da abordagem considerando diversos atores (usuários, pessoal e público do parque e do museu)</li> </ul> <p><u>O planejamento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Grande clareza da organização espacial e rigor do planejamento ;</li> <li>• Pertinência da flexibilidade e da leveza funcional que oferecem as organizações,</li> <li>• Simplicidade da resposta volumétrica do conjunto</li> </ul> <p><u>A integração com a paisagem</u></p> <p>(visibilidade do Museu, pelo gabarito) e uso de materiais tradicionais ;</p> <p>presença urbana que a posição do hall cultural confere, ligação que efetua com a Baía de Gaspé e com a cidade, ligação e complementaridade entre os espaços externos e internos, ligação entre paisagem e cidade.</p>

Este relatório difere dos demais porque concerne a uma segunda etapa, quando o júri decidiu comentar apenas o vencedor e registrar os aspectos positivos. Porém no relatório consta que o projeto do grupo Thibault obteve uma menção, embora não haja comentários sobre o projeto, mas demonstra o prestígio deste grupo como revelam as outras situações de concurso aqui analisadas onde este grupo participou e o peso que ele imporia numa análise contextual, o que, como comentamos anteriormente, não nos é possível realizar, neste momento. Tampouco com o texto fornecido foi possível identificar o critério decisivo do júri. Este indicou ter seguido três elementos: o partido, o planejamento ou a planificação (*planification*) e a integração e a paisagem. Esta tripartição oferece muito material para reflexão. De fato em que ela realmente ajuda a organizar os elementos de avaliação? Pois, por exemplo, dentro do item partido arquitetônico, é celebrada a racionalidade da planificação dos componentes do Museu. Este tópico não deveria estar no item planificação? Por que entre os itens do partido arquitetônico se fala do partido construtivo? Há um partido construtivo que é um aspecto do partido arquitetônico? A noção de partido permanece problemática como vemos.

Por outro lado, os três itens incluídos nos aspectos de planificação não seriam também ou sobretudo elementos do partido? Note-se que não se trata da integração com a paisagem ou na paisagem ou à paisagem, mas a integração e a paisagem, redigido como se fossem duas coisas isoladas, sendo que o último item deste terceiro aspecto pode ter sido o decisivo.

**ESCOLA NACIONAL DO CIRCO (6 grupos) – Comentários do júri**

1. LAPOINTE, MAGNE E ASSOCIADOS (vencedor)	
<b>Aspectos Positivos</b>	<b>Aspectos Negativos</b>
<p>Inteligência e simplicidade do conceito tanto no gesto (sic !) como nos princípios de construção.</p> <p>Transposição arquitetural da verticalidade e do <i>vertigo</i>, tratamento do vazio que ilustra o risco do circo.</p> <p>Visibilidade e compreensão da essência da escola de circo desde o exterior graças à extrema porosidade e transparência</p> <p>Interpretação pelo vazio do capitel, situado no centro da escola.</p> <p>Força do jogo interior/exterior e sua relação em diferentes modos com o meio ambiente natural e urbano</p> <p>Qualidade das inter-relações visuais presentes em todos os níveis da Escola e nos diferentes setores</p> <p>Respeito ao orçamento</p>	<p>Extraídos das recomendações de reavaliação :</p> <p>Altura do projeto</p> <p>Flexibilidade das relações horizontais</p> <p>Interação função pedagógica e da administração</p> <p>Paisagismo externo manutenção dos espelhos d'água orientação em pleno sul na rua Jarry</p>

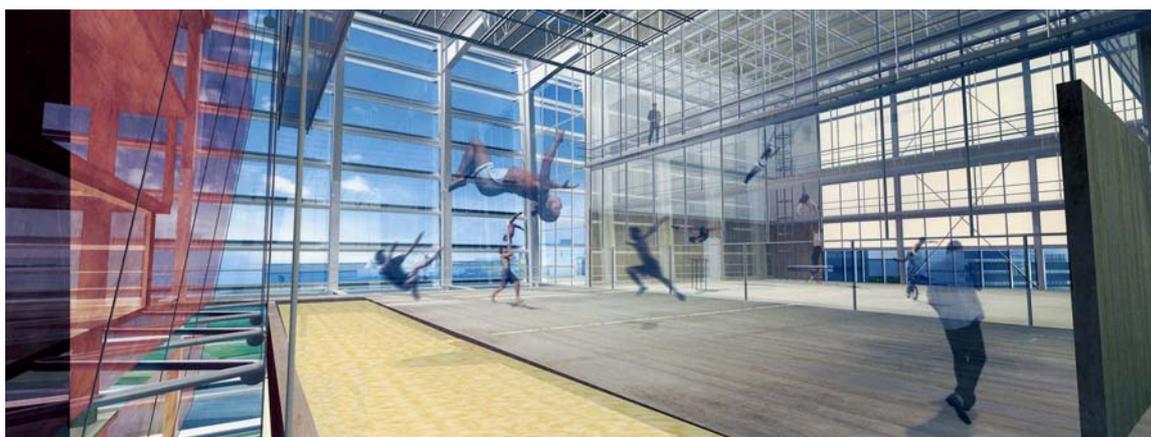


Imagem do projeto vencedor do concurso da Escola Nacional do Circo, Lapointe, Magnee Associados.

2. Affleck/ De la Riva/TPL	
<b>Aspectos Positivos</b>	<b>Aspectos Negativos</b>
<p>Fineza do tratamento da sala de difusão e do abrigo do átrio.</p> <p>Estudo aprofundado das componentes tanto no que diz respeito ao Código quanto à estrutura.</p>	<p>Organização interna propõe quadro rígido, acentuando corredores.</p> <p>Os ambientes com exceção da sala de espetáculo não propiciam encontro e troca.</p>

3. PIERRE THIBAUT/DMG	
<b>Aspectos Positivos :</b>	<b>Aspectos Negativos</b>
<p>Qualidade e inteligência da reflexão e do discurso, principalmente no que concerne à interpretação da natureza à arquitetura (sic !)</p> <p>Equilíbrio entre as escolhas e justaposições de materiais quentes, madeira e o vidro.</p>	<p>Organização dispersa incompatível com os objetivos operacionais da Escola.</p> <p>Colocação do átrio no fundo do lote.</p>

4. PROVENCHER ROY	
<b>Aspectos Positivos</b>	<b>Aspectos Negativos</b>
Boa compreensão programática, Qualidade «escolar» (aspas do relatório), interpretação como acampamento e circo, espaços de bom convívio.	Dispersão gera circulação longa entre setores Ocupação total do lote levanta questionamentos sobre custos, estacionamento subterrâneo, manutenção e possibilidade de expansão. Complexidade da estufa (inquieta o júri)

5. ABCP	
<b>Aspectos Positivos</b>	<b>Aspectos Negativos</b>
<b>Simplicidade</b> da solução Resposta adequada às expectativas do programa. Compreensão e organização espacial <b>clara</b> , desde a entrada. Eficiência do conjunto tecnicamente bem controlado, pelo tratamento dos estúdios e integração dos serviços, espaços agradáveis, embora fechados.	Orientação do projeto que isola a Escola da Cidade Opacidade dos blocos dos estúdios, formalismo que espanta, mas, não convence ( <i>étonne sans convaincre de sa pertinence</i> ) Complexidade técnica da tela que faz temer exigência de manutenção acima dos recursos escolares.

6. FORTIN, GILBERT, JULIEN, OUELLET	
<b>Aspectos Positivos</b>	<b>Aspectos Negativos</b>
Integração programática do tratamento ambiental Organização em L e resposta adequada às funções criando ambientes de encontro e troca, e dinamismo no espaço interno.	Leitura complexa, dada a variedade de tratamentos e materiais no interior, correspondendo ao dinamismo funcional. Falta de controle que leva a <b>questionar a clareza do partido</b> e a durabilidade do projeto.

A tendência de outros júris se confirma neste caso, com a afirmação e exaltação dos valores da clareza e da simplicidade e com a recusa do complexo. Mas recusa-se mesmo o complexo ou o complicado?

#### CONCURSO DE IDÉIAS/SODEC

#### CENTRO DE RECEPÇÃO E INTERPRETAÇÃO PLACE-ROYALE/MAISONS HAZEUR-SMITH

1. GAUTHIER, GUITÉ, DAOUST, LESTAGE (vencedor)	
<b>Aspectos positivos</b>	<b>Aspectos Negativos</b>
Harmonia de inserção Diálogo com a história através da escada/passagem externa bem urbanizada Resposta autêntica à complexidade da problemática, respeitando conceito de vitrine da história, garantindo certa perenidade Constância do conceito de qualidade nas plantas e nas fachadas.	Pertinência a escala e exequibilidade de certos elementos ( pede que as superfícies e alturas sejam restabelecidas conforme programa ;fachadas da Côte de la Montagne sejam retrabalhadas ;elemento de entrada redefinido ; as habitações de um quarto serem remanejadas para dois conforme programa ; sala comunitária deve ligar-se interiormente com o centro de interpretação ; hierarquizar fachadas)

2. EQUIPE DELORME, MORIN, COUTU	
Aspectos Positivos	Aspectos Negativos
<p>Força do partido e sensibilidade das fachadas</p> <p>Projeto direto, franco evidencia riqueza e imaginação brilhante.</p> <p>Vontade de respeito da escala, características do Velho Québec, com ares de romantismo</p> <p>Organização espacial evidencia cuidado em concentrar as áreas de exposição</p>	<p>Complexidade técnica de certos elementos (inclinação das fachadas, tetos em forma irregular e telhado de vidro) ameaçam a perenidade e a manutenção do edifício (não consensual)</p> <p>Princípio de deambulatório nas salas representa limite para organização museográfica</p> <p>Ambigüidade na definição da circulação de trânsito entre a Cote e a Praça, colocação das escadas exigem duplo controle dos acessos ao centro</p>

3. EQUIPE MAROSI TROY	
Aspectos positivos	Aspectos negativos
<p>Partido modernista de feitura sofisticada, equilibrada, evidencia autenticidade inequívoca.</p> <p>Colocação dos espaços e volumes, jogos de transparências e luminosidade contribuem para efeitos espetaculares, vontade sinalética clara.</p> <p>Mensagem cultural inequívoca.</p>	<p>Modo de inserção que reinterpreta validamente os elementos do sítio olhando-os em diálogo com o futuro.</p> <p>A horizontalidade, em ruptura com o meio fez alguns questionarem a pertinência do gesto, por ria rua impressão de virtualidade.</p> <p>Dificuldade técnica de realização de um telhado quase plano, em metal e recuado inquieta quanto à manutenção.</p> <p>Efeito do teto luminoso é comprometido pelo acúmulo de neve.</p>

4. EQUIPE STGELAI, TREMBLAY, BÉLANGER, BEAUCHEMIN	
Aspectos Positivos	Aspectos Negativos
<p>Arquitetura adequada e sóbria, responde corretamente à encomenda, numa linguagem moderna sem equívoco</p>	<p>Abordagem muito neutra</p>

5. EQUIPE CORMIER, COHEN, DAVIES (RECUSADA)	
Aspectos Positivos	Aspectos Negativos
<p>Convivialidade e juventude da abordagem muito contemporânea</p>	<p>Modo de inserção</p>

A linguagem e os valores estão muito próximos dos expressados no julgamento do Jardim do Metis. Há uma generosidade de adjetivos: brilhante, contemporânea, adequada, sóbria. Há o mesmo espírito de busca de equilíbrio entre inovação e adequação. Nem tanto ao mar, nem tanto ao vento. A abordagem muito neutra não é bem-vinda, como tampouco o partido modernista (que suscitou um vivo debate entre os membros do júri) na medida em que ele desrespeita o sítio.

**MUSEU DO FIORDE – Comentários do júri**

BCS+M/DUPUIS LETOURNEUX (vencedor)	
Aspectos positivos	Aspectos negativos
Melhor <b>integração</b> arquitetônica com o edifício existente através de acréscimo sóbrio e puro	Efeitos, durante as obras, face ao remanejamento muito grande das atividades
Melhor Sensibilidade com as preocupações museológicas	Funcionamentos (sala Multimídia.
Percurso visitante responde expectativas cliente	
Enquadramento cuidadoso do fiorde a partir do interior e linha do tempo a partir do hall exterior	
Organização clara do Museu e espaços comunitarios	

HOVINGTON,GAUTHIER, THIBAULT	
Aspectos positivos	Aspectos negativos
Clareza e simplicidade do partido	Lacunas funcionais inerentes ao conceito
Valorização do fiorde (pelo hall)	
Remanejamento limitado no edifício existente	

GALIENE,MOISAN,NOMADE	
Aspectos positivos	Aspectos negativos
Utilização para um novo jardim externo.	Amplitude da área a ser construída
Circuitos variados para visitas.	
Isolamento setor exposição e demais funções publicas.	
Valorização do fiorde (pelo hall)	

Parece ter havido um predomínio claro de valores funcionais (não no sentido utilitário) bem como do dado de realidade, como os distúrbios durante as obras, o eu não impediu, contudo, a premiação da equipe. No que se refere a valores de ordem estética a linguagem da sobriedade e da «pureza» mais uma vez é apreciada. Vale notar, neste caso, a referencia como qualidade de uma estratégia de projeto semelhante, nas duas equipes perdedoras, uma vez que não se trata de um principio abstrato, mas de uma referencia indicando o local.

*«La proposition ofre, par l 'entremise de son hall, une belle mise em valeur du fjord».*

O que nos aguça a curiosidade pelo projeto; será que as equipes apresentaram a mesma solução? O que as torna textualmente semelhantes?

CASA da CULTURA de MATANE – Comentários do júri		
equipes	Aspectos Positivos	Aspectos negativos
Anne Carrier	Sentido desenvolvido de equipe Componentes favorecem mídia da cultura Deambulatório: permite percurso da rua para o passeio e vice-versa e integra arte e arquitetura	Aparência monolítica Entrada e espaço de carga e descarga a serem revistos

	<p>Feição uniforme, mas fachadas e vistas variadas.</p> <p>Flexibilidade das salas de expo supera exigência programática</p> <p>Grande pureza de linha, transparência</p> <p>Distinção da paisagem e integração através dos materiais</p> <p>Escala humana</p>	
<p>Pierre Thibault</p>	<p>Enorme beleza dos pontos de vista</p> <p>Ilustrações mostram pureza das linhas e modéstia do desenho</p> <p>Perspectivas eficazes e convincentes</p> <p>Arquitetura definitivamente na escala humana</p> <p>Divisão funcional em dois volumes juntos por circulação</p> <p>Sutileza na iluminação natural que enriquecem a atmosfera espaços interiores.</p> <p>Recepção ampla</p> <p>Maquete útil para captar sutilezas dos detalhes</p>	<p>Acesso à biblioteca não é evidente</p> <p>Estacionamento apertado.</p> <p>Recepção restringe comunicação entre funções internas e acessos externos</p> <p>Integração de 1% arte e arquitetura não muito claras</p> <p>Pavimento térreo um pouco maciço, o que junto com a larga entrada da Promenade des Capitaines torna difícil de perceber a qualidade do ambiente da praça pública.</p>
<p>Gauthier Fontane Bouchard</p>	<p>Grande rigor e trabalho de equipe</p> <p>Proteção terraço dos ventos e muito boa insolação</p> <p>Organização adequada climática, visual e ambiental com aberturas visuais para o rio para o mar e muitíssimos outros pontos</p> <p>Volumetria bem articulada</p>	
<p>DUPUIS Letourneux Proulx</p>	<p>Qualidade espacial das salas de exposição; intenção de distinção das funções desde o exterior</p> <p>Intenção de reutilização do vernacular</p>	<p>Uso excessivo do remanejamento vernacular</p> <p>Volume para espaços crianças e adultos de difícil vigilância</p> <p>Posição do Elevador, degraus e patamares numerosos complicam acesso e orientação.</p> <p>Integração de 1% de arte não muito clara</p>

Neste concurso, o debate prévio registrado em texto é muito significativo, por indicar certos cuidados do júri, tais como o perigo do julgamento em função da qualidade de apresentação, admitindo que «o aspecto amarelado de duas propostas complica a leitura e a comparação em termos equitáveis com as duas demais que se apresentaram em papel branco». Do mesmo modo, está registrado, em negrito no texto, a necessidade do respeito absoluto aos critérios do regulamento e o questionamento quanto à exclusão de propostas onde o júri não se sentisse em condições de julgar sobre este ponto. Além disto, também em negrito o texto do júri afirma que será uma resposta global, e não o acúmulo de pontos por cada critério – conforme elencados no regulamento - que determinará a escolha do premiado e que cabe os membros do júri o poder de decisão de dar prioridade dada a tal ou qual critério. Tanto cuidado prévio, não apenas com a regra do jogo, mas com o registro desta arena, parece-me indicar que o contexto e/ou a audiência, neste caso, ofereciam maior pressão que nos demais casos aqui estudados. Esta hipótese parece tanto mais pertinente na medida em que, numa primeira leitura, os aspectos positivos referentes a uma das equipes perdedoras – a Thibault - aparecem-nos não apenas como mais numerosos,

mas, sobretudo como mais condutores à premiação do que o da equipe vencedora. A equipe vencedora tem um projeto na escala humana, enquanto o projeto da equipe Thibault tem «definitivamente uma escala humana». Por que o advérbio na qualificação de um projeto perdedor? Como justificar que um projeto com qualidades espaciais excepcionais reconhecidas, (sutilezas da recepção de luz, das perspectivas, etc) perca para um projeto, que nem apresenta tais qualidades e que é considerado de aspecto monolítico? Somente quantidade de aspectos negativos da equipe perdedora em questão poderia contrabalançar os seus aspectos positivos e justificar a escola do júri.

O fato é que a estratégia de escolher a melhor «resposta global» e a forma de organização do texto, onde as críticas são, sobretudo de ordem funcional, deixa, para o leitor que somos, no momento, cego dos projetos e das demais documentações, a impressão de que ou o júri como um todo privilegiou critérios funcionais, ainda que não o tenha admitido explicitamente, ou o júri foi atravessado por discórdias internas impeditivas de avançar um critério operacional.

De qualquer forma também aqui o uso do vernacular, considerado bom na intenção, mas abusivo na forma indica uma inclinação do júri a juntar-se a outros, acima estudados, na postura contra estratégias fachadistas recursos de grafismo ou desprovidos de sentido construtivo ou sensorial.

### **Conclusão**

As qualidades assinaladas pelos júris são quase sempre mais abstratas e adjetivadas que os defeitos. Os júris afirmam haver admirado a consistência do gesto, a leveza do partido. Em contrapartida registram o receio da manutenção de um teto inclinado em vidro, etc. Os aspectos positivos são poeticamente enunciados, os negativos são ditos em geral, preto no branco. Isto pode ser compreensível quando pensamos o que significam os aspectos negativos, em situações de concurso como nas acima estudadas. De um lado, estes aspectos devem justificar a não aceitação dos projetos perdedores. De outro, na maioria das vezes, ocorre a necessidade de indicar reformulações precisas ao projeto vencedor. Ou seja, há muita responsabilidade nas conseqüências do não entendimento das restrições levantadas. Sabe-se que, em muitos casos, como foi para a TGB, a Biblioteca e Paris de Dominique Perrault, estas reformulações findam por serem incompatíveis com a própria natureza do projeto, mudam a escala, a volumetria, etc. Mas, ao levantar esta diferença no modo de apresentação das qualidades e dos defeitos, meu objetivo não é o de discutir o mérito desta postura do júri. Minha hipótese é a de que uma melhor compreensão dos motivos desta diferença – qualidades abstratas e defeitos concretos – daria uma pista importante para a nossa prática pedagógica. É o que pretendemos investigar num estudo retórico mais fino e mais aprofundado do que o do presente texto.

Um segundo aspecto curioso é o fato de que os júris se alongam mais na explicitação dos aspectos positivos das propostas vencedoras. Em outras palavras, eles têm que explicar mais «o bom projeto» porque o projeto é vencedor. É um aspecto que deveria ser pensado, uma vez que na prática pedagógica, o aluno que apresenta a proposta mais deficiente é o que necessita de mais entrada crítica

Valeria ainda observar que os termos mais recorrentes nas avaliações são partido, conceito idéia, identidade e gesto, e que eles aparecem muitas vezes como sinônimos. A confusão destes termos ocorre também freqüentemente durante as críticas em contexto pedagógico. Neste ponto, os textos dos concursos assemelham-se bastante ao que se passa nos ateliês.

No conjunto, os documentos examinados apontaram para valores dominantes no seio da cultura arquitetônica contemporânea no Québec. Nos últimos tempos, busca-se um equilíbrio, entre inovação e integração, entre audácia e respeito ao pré-existente. Recusam-se «gestos» gratuitos em prol da sobriedade e contenção. Em termos de linguagem, evita-se os recursos de cenário e grafismos em prol de valores sensoriais e tectônicos. Estes critérios, nem sempre são unânimes e certamente passarão. Não há critérios eternos, mas tê-los claros e pré-determinados deixam claras as regras do jogo, embora a mesa possa vir a ser virada qualquer hora. De qualquer forma, os participantes de um concurso sabem que estão correndo um risco: a perspectiva unicamente baseada na exequibilidade pode ser de pouca imaginação.

Ao elogiarem um projeto perdedor, mais do que o vencedor, os membros do júri não são incoerentes. Eles seguem um dado de realidade e conscientes do que estão fazendo, registram as razões. Pois, de qualquer forma, como mostra a História da arquitetura, projetos perdedores de concurso, foram mais importantes e influentes, muitas vezes, do que projetos construídos. O registro é, portanto, importante porque demonstra que o veredicto dos concursos, ao contrário do das salas de aulas, não colocam em questão a capacidade individual de nenhum membro das equipes. E um perdedor sempre poderá vir a rir de um julgamento que se revelar *a posteriori* equivocada. O que é mais difícil no julgamento da vida escolar.

## Bibliografia

BARBOSA, Marcelo Barbosa; CORBUCCI, Jupira. "Concursos Públicos de Arquitetura e Urbanismo. Sugestões para mudanças". Drops. nº 12.01. Portal Vitruvius, ago. 2005

BOUDON, P; DESHAYES, P.; POUSIN, F.; SCHATZ, F.,2000. **Enseigner la Conception Architecturale – Cours d'Architecturologie**. Paris: Éditions de la Villette.

BOUTINET, Jean Pierre, 1990. **Anthropologie du Projet**. Paris : Presses Universitaires de France.

CHAMPY, Florent, 1998. **Les Architectes et la Commande publique**, Paris : Presses universitaires de France (**Sociologies**).

CHAMPY, Florent, 2001. **Sociologie de l'architecture**. Paris : Éditions de la Découverte.

**CHUPIN, Jean-Pierre**, 2003. As Três lógicas Analógicas do Projeto em Arquitetura: do impulso monumental à necessidade de pesquisa passando pela inevitável questão da « ensinabilidade » da arquitetura.) In Lara, F. e Marques, S. (org.) **Projetar - Desafios e Conquistas da Pesquisa e do Ensino pp12-31**

**CHUPIN, Jean-Pierre**, Adamckzyc **Georges, Bilodeau, Denis, Cormier, Anne, Lachapelle, Jacques, 2004** *Concours d'architecture, pratiques reflexives et transferts analogiques* in **EURAU; Journées Européennes de la Recherche Architecturale et Urbaine. Actes Préalables, Marseille.**

**COMAS, Carlos Eduardo, 1986.(org.)** *Projeto Arquitetônico-disciplina em crise, disciplina em renovação. São Paulo, Projeto.*

CUFF, Dana,1991. **Architecture: The Story of Practice**, MIT Press.

GIRARD, C. 1989. **Architecture et concepts nomads (traité d'indiscipline)**. Architecture + Recherche. Paris: Mardaga.

GROAT,Linda e Ahrentzen, S. !997. « Voices for Change in Architectural Education » in Journal of Architectural Education 50, no. 43 (271-285)

LARA, Fernando e MARQUES, Sonia. 2003. **Projetar. Desafios e Conquistas da Pesquisa e do Ensino de Projeto**. Editora Virtual Científica, Rio de Janeiro.

LARSON, Magali Sarfati, 1993, **Behind the postmodern Façade. Architectural Change in Late Twentieth**. America University of California, Press Berkeley, Los Angeles, London

LÉGER, Alain. **Enseignants secondaires**, Paris, PUF

LEUPEN, Bernard et alli, 1999. **Proyecto y Análisis. Evolución de los principios en arquitectura**, Gustavo Gili, Barcelona.

LIPSTADt, Hélène 1989, **The Experimental Tradition** Princeton Architectural Press.

MAHFUZ, E. 2003. *Reflexões sobre a Construção da Forma Pertinente*. In. Lara, F. e Marques, S. (org.) **Projetar - Desafios e Conquistas da Pesquisa e do Ensino**. Rio de Janeiro: EVC.

MARQUES, Sonia,1983. **Maestro sem Orquestra. Um estudo da ideologia da formação do arquiteto no Brasil** dissertação de mestrado. Pimes/UFPE,

MOULIN, Raymonde (1973) **Les architectes**

NESBITT, Kate. Theorizing a new agenda for architecture.

STEVENS, Garry, 2003 **O círculo privilegiado. Fundamentos sociais da distinção arquitetônica.**

TOSTRUP Elisabeth Architecture and Rethoric. Text and Design in Architectural Competitions, Andreas Papadakis, 1999 London